
As ocupações paleolíticas no Nordeste alentejano: uma aproximação geoarqueológica

NELSON ALMEIDA¹
SARAH DEPREZ²
MORGAN DE DAPPER³

R E S U M O

Apresentam-se os resultados dos trabalhos de prospecção e sondagem arqueológicas realizados no Nordeste alentejano ao abrigo do projecto PHANA (Pré-História Antiga no Nordeste Alentejano). Focam-se também os resultados dos trabalhos de geomorfologia e geoarqueologia levados a cabo por uma equipa da Universidade de Ghent (Bélgica) no complexo paleolítico do Arneiro. Finalmente, dão-se a conhecer os resultados de duas datações por OSL realizados nos sítios do Paleolítico Médio do Azinhal e Pegos do Tejo 2.

A B S T R A C T

The archaeological survey that is taking place in the North-eastern Alentejo, under the project PHANA (Ancient Prehistory in the North-Eastern Alentejo) has revealed a considerable number of Palaeolithic sites. The area discussed in this paper is located in the North of this territory, on the left margin of the Tagus River, near the village of Arneiro. Here, thirteen palaeolithic settlements have been identified, two of which, Pegos do Tejo 2 and Azinhal, have been subjected to archaeological excavations. The first results of these interventions, as well as the absolute dating of these two sites, the data obtained in the site of Tapada do Montinho and the geomorphological and geoarchaeological research done in this area are presented in this paper.

Introdução

Corria o ano de 1917 quando o Nordeste alentejano começou a atrair a atenção dos investigadores para possíveis ocupações humanas do Paleolítico. O pontapé de saída foi dado pelo abade Breuil, na área do Guadiana (Breuil, 1917, 1920). Posteriormente, vários foram os investigadores que se debruçaram sobre esta temática, concentrando os seus esforços, maioritariamente, na parte sul desta região (Jalhay e Paço, 1941; Paço, 1950). Mais recentemente, esta área foi alvo de alguns trabalhos dirigidos por investigadores da Universidade do Porto (Jorge, 1972; Rodrigues, 1996).

Contudo, a maior parte destas intervenções primaram pelo seu carácter ocasional e superficial e sem continuidade. Na margem direita do Tejo, pelo contrário, tem-se registado uma investigação continuada da presença de sítios do Paleolítico na zona de Vila Velha do Rodão (Raposo, 1987), próximo da área de estudo aqui apresentada.

Neste artigo vão ser apresentados os resultados preliminares da primeira investigação sistemática alguma vez realizada no Nordeste alentejano, ao qual se deu o nome de *Pré-História Antiga no Nordeste Alentejano* (PHANA). Os primeiros trabalhos de campo iniciaram-se no ano de 2001 ao abrigo de um Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA). Este programa de investigação centrava-se, e continua a centrar-se, na tentativa

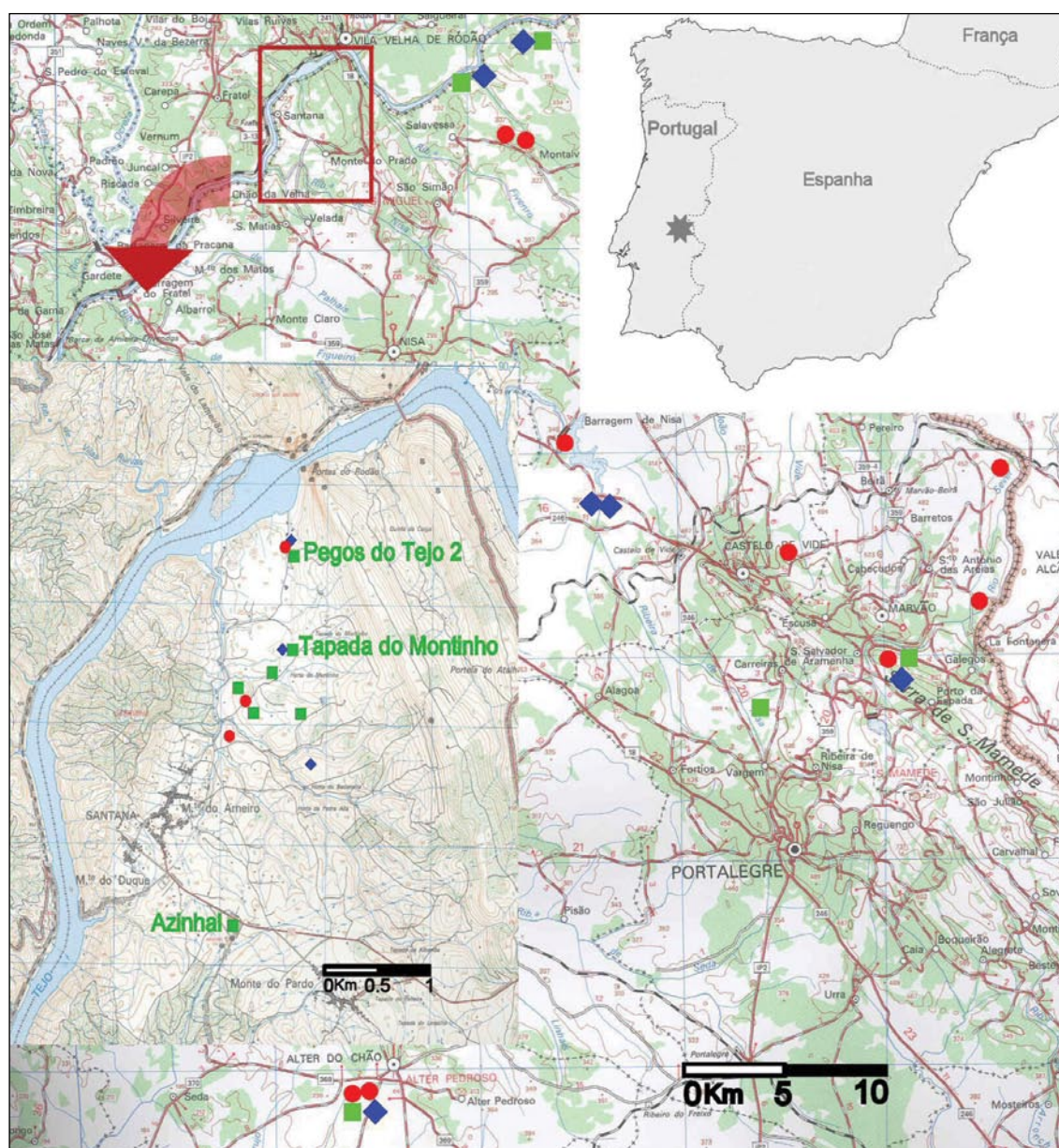


Fig. 1 Mapa das áreas referidas no artigo: Localização da região em estudo na Península Ibérica (canto superior direito); Implantação dos sítios paleolíticos referenciados no Nordeste alentejano (mapa principal); Sítios paleolíticos no complexo do Arneiro (área ampliada). ● Paleolítico Inferior; ■ Paleolítico Médio; ◆ Paleolítico Superior.

de traçar uma visão da realidade arqueológica desta região, no período correspondente ao Paleolítico. Passados que estão seis anos, sobre o início deste projecto, chegou a altura da realização da primeira sinopse sobre os resultados alcançados na identificação dos vestígios deixados pelos primeiros habitantes desta região. A primeira parte dos trabalhos de campo correspondeu a curtas campanhas de prospecção, principalmente realizadas durante o Verão, que permitiram a localização de cerca de trinta locais com ocupações que se espalham cronologicamente entre o Paleolítico Inferior, Médio e Superior (Fig. 1). Os trabalhos de prospecção arqueológica da zona permitiram, além de definir um primeiro padrão de distribuição da ocupação paleolítica no Nordeste alentejano, a localização de algumas estações de grande valor científico.

Uma das áreas que evidenciou uma maior relevância em termos de presença paleolítica nesta região corresponde ao Complexo do Arneiro, no concelho de Nisa. Numa área de 3 x 3 km, perto da aldeia de Monte do Arneiro, foram localizados treze sítios, cerca de metade dos sítios localizados até à data no Nordeste alentejano (Fig. 1). Destes sítios abordar-se-ão mais pormenorizadamente dois locais de cronologia atribuída ao Paleolítico Médio e um terceiro que possivelmente também se poderá atribuir a este período: Pegos do Tejo 2, Azinhal e Tapada do Montinho. O último ainda não foi alvo de nenhuma intervenção arqueológica, lacuna que se espera colmatar brevemente. A estação do Azinhal foi sondada em 2003, o sítio Pegos do Tejo 2 está ainda em fase de escavação. Ambos os sítios foram estudados em termos geomorfológicos e datados por Luminescência Estimulada Opticamente (OSL) pela equipa da Universidade de Ghent (Bélgica). Com a integração dos dados arqueológicos e geomorfológicos (geoarqueologia) obtém-se uma visão mais ampla e clara da ocupação humana nesta região durante o Paleolítico Médio.

A importância da geoarqueologia

Em sentido lato, a geoarqueologia implica a integração da arqueologia com as ciências da terra, de forma a conseguir-se uma visão “holística”, mais alargada, do passado humano de uma área. Por outro lado, uma estreita cooperação entre estas duas disciplinas pode resolver muitas dúvidas que incomodam, quando vistas isoladamente, estas disciplinas. Neste artigo será primeiro discutido a arqueologia do Paleolítico Médio da área em estudo, seguida da descrição das características geomorfológicas mais abrangentes da zona e os casos particulares dos sítios. Para concluir, as sínteses de ambas as investigações resultarão numa melhor compreensão das ocupações paleolíticas do Complexo do Arneiro.

A arqueologia dos sítios do Paleolítico Médio

Tapada do Montinho

O sítio paleolítico denominado Tapada do Montinho foi descoberto em 2003 no topo de uma plataforma definida por duas pequenas linhas de água (Fig. 1). Este sítio estende-se por uma área de cerca de 25 000 m² sendo caracterizado por uma grande abundância de material talhado em quartzito, sílex e quartzo. No limite Norte desta plataforma, num corte originado pela exploração mineira romano/medieval que teve lugar nesta zona, foi possível reconhecer, a cerca de 40 cm de profundidade, um nível caracterizado por uma grande quantidade de seixos. O material

arqueológico detectado em superfície deverá ter origem neste nível, que foi afectado, há largos anos, pelo plantio de oliveiras.

A análise morfotipológica do material recolhido durante a fase de prospecção permitiu uma definição, *a priori*, de duas cronologias distintas para este sítio. A primeira deverá corresponder a uma indústria atribuível ao Paleolítico Médio, caracterizado por debitage Levallois, como é possível observar nos núcleos 1 e 2 apresentados na Fig. 2. O primeiro define-se como um núcleo centrípeto recorrente em sílex (o único exemplar, neste tipo de matéria-prima, recolhido em todas as estações do Paleolítico Médio desta área). O segundo corresponde a um núcleo Mustierense esgotado, em quartzito. Os dois outros núcleos reproduzidos na Fig. 2 foram talhados em sílex, recolhido nos terraços locais, servindo para produzir lamelas. O n.º 3 é um núcleo prismático apresentando uma plataforma de debitage direita, o n.º 4 também serviu para a produção de lamelas destacando-se por ter três eixos de debitage. Estes dois últimos exemplares poderão ser associados a uma ocupação do Paleolítico Superior.

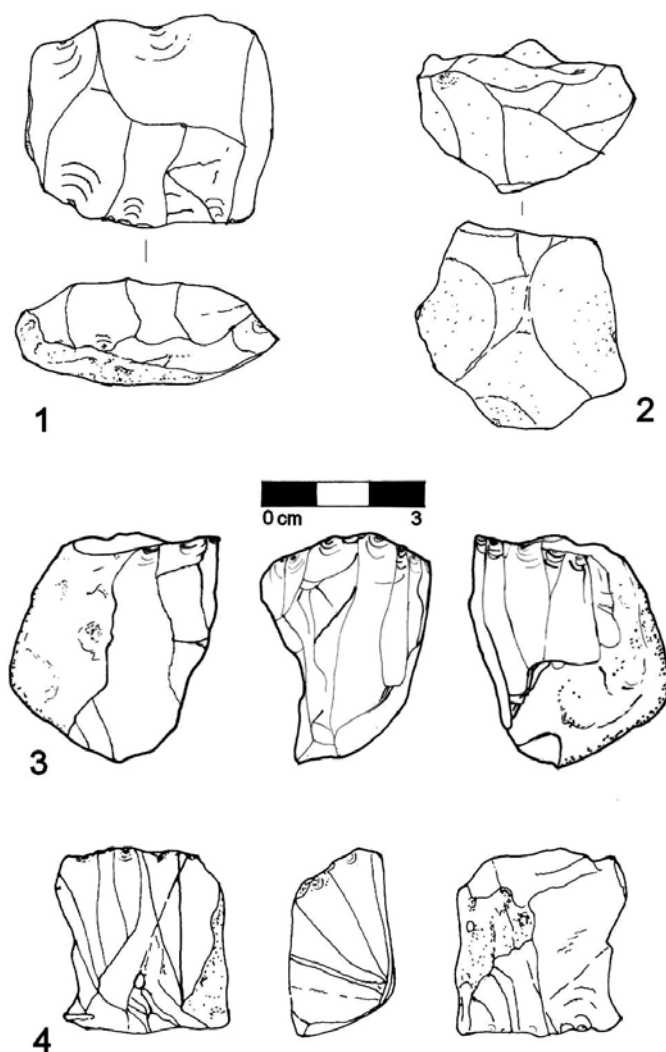


Fig. 2 Indústria lítica da Tapada do Montinho: 1 – Núcleo Levallois centrípeto recorrente em sílex; 2 – Núcleo Mustierense esgotado em quartzito; 3 – Núcleo prismático com plano de percussão direito em sílex; 4 – Núcleo para lamelas, em sílex, com três plataformas de percussão.

Azinhal

Em 2003, durante a campanha de prospecção, foi detectado um nível de seixos com material arqueológico no corte realizado aquando da abertura da estrada que liga o cemitério com as povoações do Monte do Duque e Monte do Arneiro. Um dos artefactos encontrados durante a prospecção corresponde a um biface de tipologia Micoquense, apresentado na Fig. 3 com o n.º 5. Nesse mesmo ano, empreendeu-se uma campanha de sondagens no local. Os objectivos desta campanha

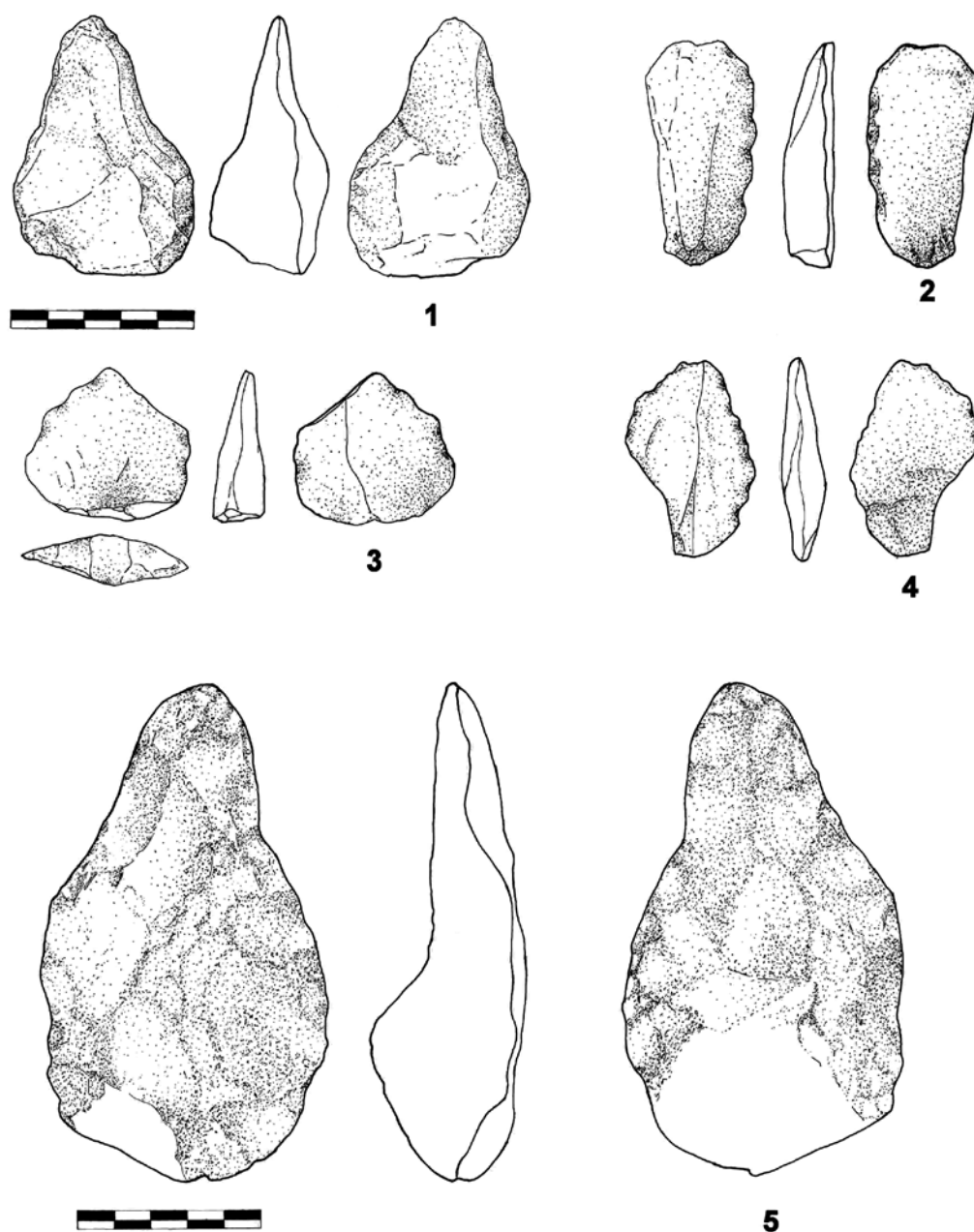


Fig. 3 Indústria lítica do Azinhal: 1 e 5 – Bifaces Micoquenses em quartzito; 2 – Lâmina denticulada em quartzito; 3 – Lasca denticulada com talão facetado; 4 – “Ponta de Tayac” (?) com adelgaçamento do bolbo.

eram verificar a extensão da ocupação paleolítica, o seu estado de conservação e atribuir uma cronologia mais rigorosa ao sítio.

A estação do Azinhal fica localizada numa área ocupada por silvicultura, mais precisamente por sobreiros. Toda esta área é objecto de lavras anuais que originam um remeximento do solo, o que pode por em risco a conservação da estação. A metodologia adoptada consistiu na realização de três sondagens de 1 m² distribuídas pela área que pensamos ser a ocupada pela estação. Como resultado destes trabalhos foi possível inserir o estrato arqueológico no seu contexto geológico e confirmar que os trabalhos agrícolas não afectaram a estação. Foram definidos cinco níveis geológicos durante a intervenção, inserindo-se o nível arqueológico no terceiro descrito (Fig. 4). A primeira unidade sedimentar definida corresponde ao solo arável, mistura de areia com matéria orgânica que lhe dão a sua coloração cinzenta acastanhada; Camada 2 – Sedimento silto-arenoso de cor alaranjada; Camada 3 – Sedimento silto-arenoso de cor alaranjada com a presença de seixos rolados e subangulosos e indústria lítica; Camada 4 – Matriz silto-arenosa de cor alaranjada com a presença de alguns nódulos de argila de pequenas dimensões; Camada 5 – Nível de terraço apresentando uma matriz composta por um sedimento siltoso de cor cinzenta com seixos rolados depositados num contexto fluvial.

É neste estrato, que corresponde ao nível paleolítico, que foram recolhidas um total de 147 peças, principalmente em quartzito. A indústria lítica recolhida define-se pela predominância de denticulados sobre lasca, alguns sobre lâmina e a presença residual de bifaces de tipologia Micoquense (Fig. 5, n.ºs 1 a 4). O quarto nível consiste ainda na mesma matriz silto-arenosa de cor alaranjada mas desta vez com a presença de alguns nódulos de argila de pequenas dimensões. A última unidade estratigráfica definida consiste num nível de terraço apresentando uma matriz composta por um sedimento siltoso de cor cinzenta, com seixos rolados depositados num contexto fluvial. Neste nível também foram encontradas algumas peças paleolíticas.

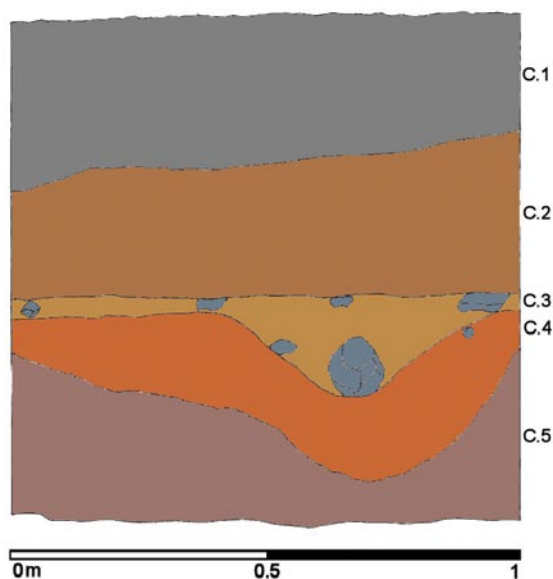


Fig. 4 Corte estratigráfico do Azinhal (Quadrado L5): Camada 1 – Solo arável, mistura de areia com matéria orgânica de cor cinzenta acastanhada; Camada 2 – Sedimento silto-arenoso de cor alaranjada; Camada 3 – Sedimento silto-arenoso de cor alaranjada com a presença de seixos rolados e subangulosos e indústria lítica; Camada 4 – Matriz silto-arenosa de cor alaranjada com a presença de alguns nódulos de argila de pequenas dimensões; Camada 5 – Nível de terraço apresentando uma matriz composta por um sedimento siltoso de cor cinzenta com seixos rolados depositados num contexto fluvial.

Pegos do Tejo 2

O sítio arqueológico conhecido como Pegos do Tejo 2 localiza-se a cerca de 100 m da margem esquerda do rio Tejo, no limite da exploração mineira romano/medieval. Durante as prospecções de 2003 foram encontrados, nesta área, alguns materiais de tipologia paleolítica mas sem se conseguir uma localização pormenorizada da jazida. Durante uma nova visita à zona, que teve lugar em 2005, foi detectado um núcleo Mustierense (Fig. 6, n.º 4) num corte originado pela abertura de um caminho. Iniciou-se uma campanha de escavação nesta estação, em Dezembro de 2006. Os trabalhos iniciaram-se com a remoção mecânica de cerca de metro e meio de sedimento que recobria a

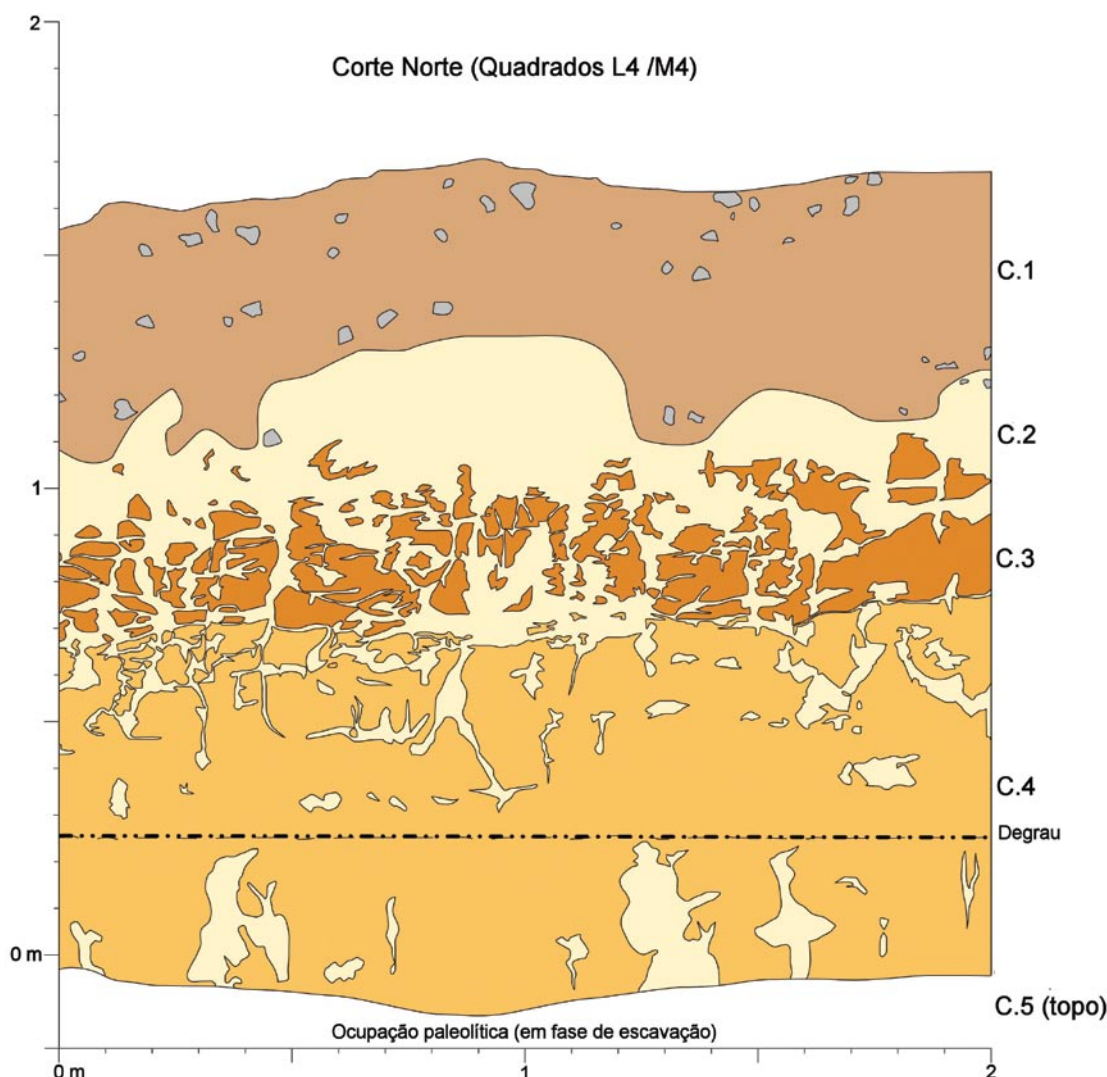


Fig. 5 Corte estratigráfico dos Pegos do Tejo 2 (Quadrados L4/M4): Camada 1 – Solo arável, apresentando uma matriz arenosa embalando seixos angulosos quartzíticos; Camada 2 – Mesma matriz arenosa da camada 1 mas sem a matéria orgânica, no topo presença de alguns seixos angulosos em quartzito; Camada 3 – Argilas vermelhas que apresentam episódios erosivos colmatados pelo sedimento da camada 2. Camada 4 – Areias de cor alaranjada apresentando alguns depósitos de argila branca de forma irregular. Nesta camada foi criada uma banquetee, a Norte e Oeste, para evitar a infiltração de águas na área da escavação. Camada 5 – A camada arqueológica com as mesmas características sedimentológicas da anterior mas com a presença de seixos rolados e indústria lítica.

ocupação paleolítica. Esta metodologia foi possível devido ao conhecimento da estratigrafia do local. Os últimos 40 cm foram removidos manualmente. A escavação está em curso, mas já possibilitou verificar que o nível arqueológico se encontra bem conservado (a crivagem do sedimento permitiu recolher esqúírolas com cerca de 4 mm). O corte estratigráfico preliminar é apresentado como Fig. 5, de forma a inserir o nível arqueológico no seu contexto geológico. A ocupação paleolítica encontra-se precedida por outras quatro unidades estratigráficas. A primeira dessas unidades resume-se ao solo arável, apresentando uma matriz arenosa embalando seixos angulosos quartzíticos, originários da crista que domina a norte da estação. O segundo nível caracteriza-se pela mesma matriz arenosa mas sem a matéria orgânica. No topo desta camada foram ainda detectados

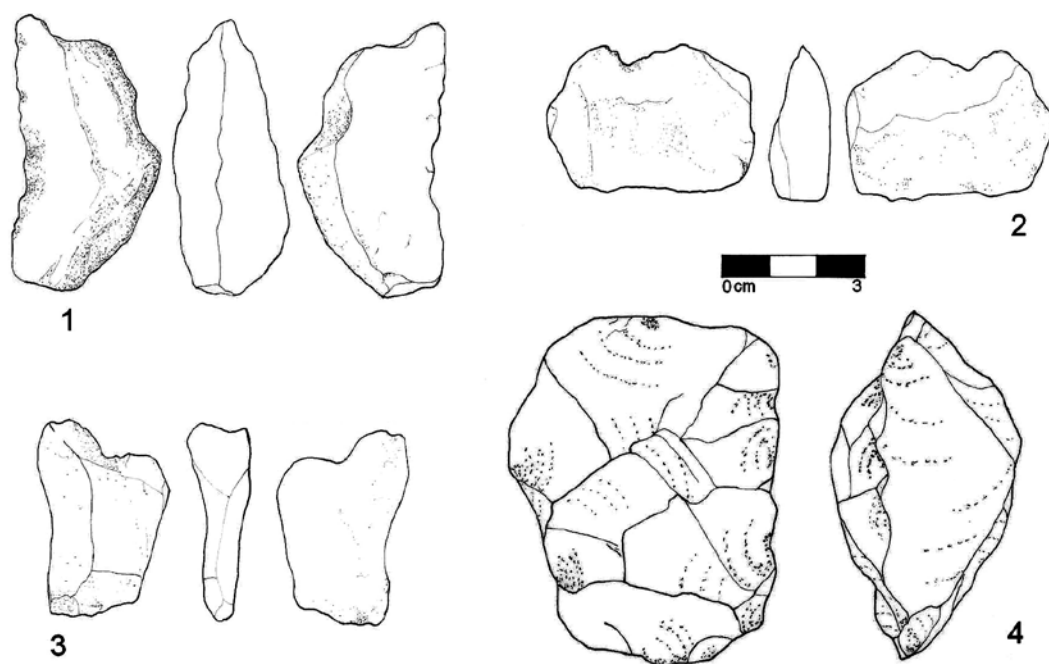


Fig. 6 Indústria lítica dos Pegos do Tejo 2: 1 – Faca com dorso cortical em quartzito com vestígios de uso; 2 – Entalhe em ângulo recto sobre lasca cortical em quartzito; 3 – Entalhe em ângulo recto sobre lasca Levallois, em quartzito; 4 – Núcleo Levallois em quartzito.

alguns seixos angulosos em quartzito. O terceiro depósito sedimentar é formado por argilas vermelhas que apresentam fissuras colmatadas pelo sedimento da camada anterior. A quarta unidade estratigráfica, constituída por areias de cor alaranjada, apresenta alguns depósitos de argila branca de forma irregular. A camada arqueológica que lhe está subjacente apresenta as mesmas características mas com a presença de seixos rolados e indústria lítica. Como os trabalhos de escavação ainda estão em curso, é prematuro caracterizar a indústria lítica que tem sido recolhida na estação. Porém, pode-se avançar com a apresentação de alguns dos artefactos recolhidos até agora sem enveredar por considerações mais profundas que podem vir a ser consideradas erróneas. Além do núcleo Levallois que contribuiu para a referência exacta do sítio (Fig. 6, n.º 4), apresentamos mais algum do material, em quartzito, que foi recolhido no topo do estrato arqueológico. Entre este material podemos enfatizar dois entalhes rectos, um realizado sobre uma lasca Levallois (Fig. 6, n.º 3) e o segundo aproveitando uma lasca cortical (Fig. 6, n.º 2). Durante a campanha exumou-se ainda uma faca de dorso cortical apresentando vestígios de uso (Fig. 6, n.º 1).

Geomorfologia da zona do Arneiro e dos sítios do Paleolítico Médio

Segundo um ponto de vista geomorfológico, a zona do Arneiro localiza-se na margem esquerda do rio Tejo, no sopé de uma extremamente dura e resistente crista quartzítica, que domina o horizonte da área em estudo. A região do Arneiro foi sujeita a consideráveis processos de erosão e deposição que decorreram entre, pelo menos, 500 000 anos e cerca de 40 000 anos atrás. Os sítios arqueológicos discutidos anteriormente estão todos localizados em níveis de terraços fluviais deste período. Por outro lado, os níveis que apresentaram artefactos também se analisaram na vertente da própria evolução do curso do rio Tejo.

As estações de Pegos do Tejo 2 e Tapada do Montinho estão embaladas em sedimentos do rio Tejo; durante a deposição destes sedimentos, este rio seguia um curso diferente do que actualmente descreve, no sentido Norte-Sul (Fig. 7). O sítio da Tapada do Montinho apresenta uma altitude de 125 m. O nível arqueológico paleolítico corresponde ao topo de um terraço do rio Tejo, com 14 m de espessura. A estação está localizada num nível constituído por uma matriz de areia com seixos de quartzito. Não foi possível conseguir datações absolutas para este estrato porque o sedimento não permite a utilização destes métodos (demasiado antigo para carbono 14, demasiadas raízes para datação por OSL, etc.). No entanto, comparando este nível com as outras secções deste depósito de terraço (para as quais foi possível conseguir datações), admite-se que este nível tenha sido depositado entre 100 Ka e 50 Ka.

O sítio de Pegos do Tejo 2 localiza-se a uma cota mais baixa, a 110 m de altitude. A unidade sedimentológica onde se encontra esta estação pertence ao mesmo depósito de terraço observado na Tapada do Montinho, mas situa-se numa posição estratigráfica mais baixa, num nível de areia com aproximadamente 8 m de espessura com alguns estratos de seixos e cascalho pelo meio, que resultam da redeposição das arcoses paleogénicas. O nível arqueológico (C.5 na Fig. 5) foi sujeito a análise por OSL (quartzo) e apresentou uma datação de 135 ± 21 (GLL código 050301).

A estação do Azinhal aparece a uma cota de 152 m. O estrato que proporcionou a ocupação paleolítica (C.3 na Fig. 4) representa a base de um depósito sedimentar de um pequeno afluente do Tejo cujo curso corria neste local (Fig. 7). A camada 2 consiste na areia depositada pelo rio. A base da camada 2, imediatamente acima da camada arqueológica, foi datada por OSL (quartzo), apresentando um resultado de 61 ± 7 Ka (GLL código 050302).

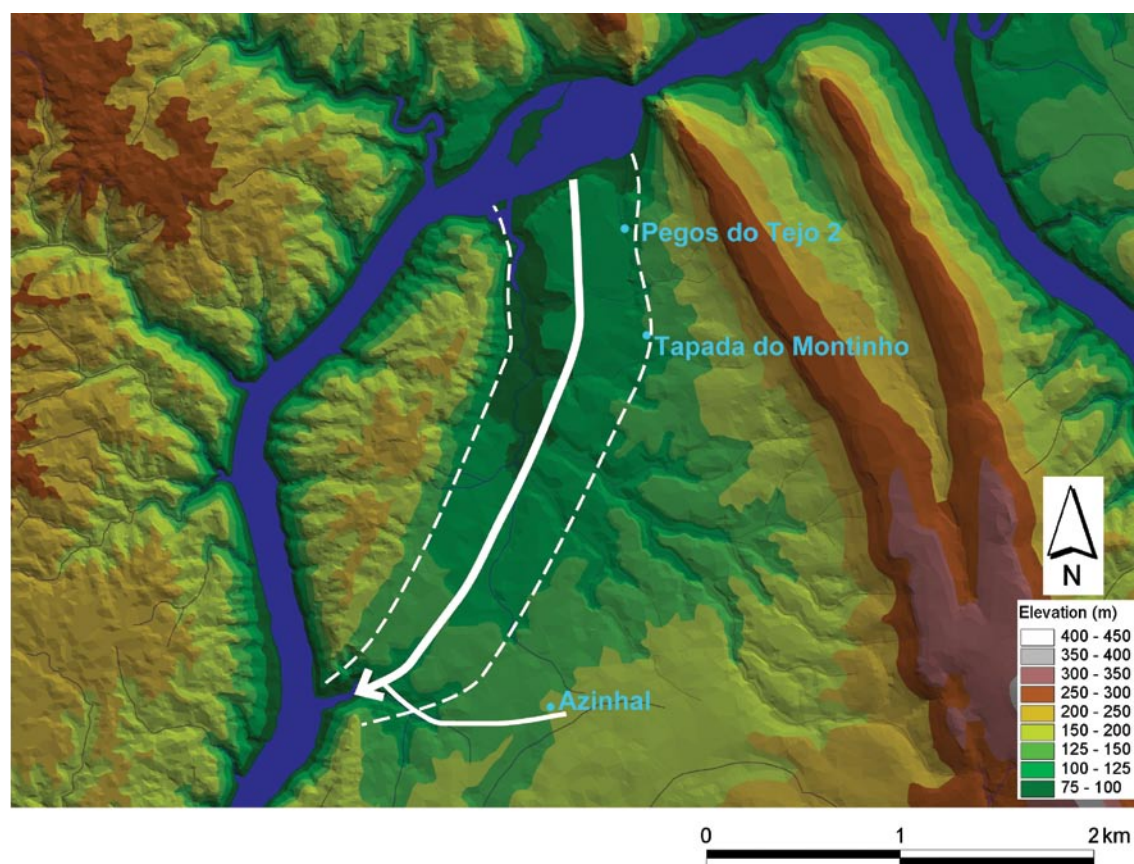


Fig. 7 Curso do rio Tejo durante o Paleolítico Médio.

Conclusões

As prospeções realizadas até à data no Nordeste alentejano permitiram identificar uma presença humana significativa durante o Paleolítico nesta região de Portugal. A distribuição destas ocupações no território apresenta uma tendência para a sua localização junto de linhas de água. A investigação, cujos resultados preliminares aqui se apresentam, veio mais uma vez realçar a importância do rio Tejo como marco territorial para a implantação de comunidades humanas. A abundância de sítios paleolíticos no Complexo do Arneiro, como também de ocupações de outras cronologias, é disso relevante testemunho. Outra conclusão que se pode retirar desta fase preliminar do projecto PHANA assenta na existência, demonstrada pelas escavações realizadas e em curso, de ocupações paleolíticas bem conservadas. A boa preservação, apresentada pelas estratigrafias descritas e pelos sítios em si, contribui para a viabilidade de investigações geomorfológicas, oportunidade ímpar para se conseguir uma visão mais abrangente do contexto onde se estabeleceram estas ocupações paleolíticas. Através desta visão geoarqueológica, interdisciplinar, conseguiu-se agora uma perspectiva do meio onde viveram os nossos antepassados do Paleolítico Médio. O rio Tejo apresentava um curso diferente, orientado Norte-Sul, propiciando a instalação de comunidades nas suas margens. A utilização de métodos de datação absoluta (OSL) permitiu controlar e afinar as cronologias baseadas em atribuições morfotipológicas das indústrias recolhidas. Esta mais valia evita distorções, que as atribuições apenas baseadas neste último parâmetro podem reflectir da realidade da evolução humana durante os tempos paleolíticos.

O Complexo paleolítico do Arneiro, considerando a quantidade de informações que têm facultado, pode representar um papel de protagonista no esclarecimento da transição entre o Paleolítico Inferior e o Paleolítico Médio, no desenvolvimento dos dados que temos do Paleolítico Médio e uma melhor definição do que representa a passagem do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior em Portugal, na Península Ibérica e no contexto mais alargado da Europa pré-histórica.

NOTAS

¹ Instituto Português de Arqueologia – Extensão do Crato
Rua 5 de Outubro, n.º 33 – 7430-137 Crato – Portugal
nalmeida@ipa.min-cultura.pt

² Ph. D. fellowship of the Research Foundation – Flanders (FWO)
Ghent University – Department of Geography
Krijgslaan 281 - S8, 9000 Gent – Belgium
Sarah.Deprez@UGent.be

³ Ghent University – Department of Geography
Krijgslaan 281 - S8, 9000 Gent – Belgium
Morgan.DeDapper@UGent.be

BIBLIOGRAFIA

- BREUIL, H. (1917) - Glanes paléolithiques dans le bassin du Guadiana. *L'Anthropologie*. Paris. 28:1-2, p. 1-19.
- BREUIL, H. (1920) - La station paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre). *O Archeólogo Português*. Lisboa. 24, p. 47-55.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1941) - Páleo e Mesolítico português. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. 4.
- JORGE, V. O. (1972) - Jazidas 1 e 2 do Monte da Faia (Rio Caia, Portalegre): notícia preliminar. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 3.ª série. 6, p. 79-92.
- PAÇO, A. (1950) - *Carta arqueológica do concelho de Marvão*. Marvão: Câmara Municipal.
- RAPOSO, L. (1987) - Os mais antigos vestígios de ocupação humana paleolítica na região de Ródão. In *Da Pré-história à História: homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Lisboa: Delta, p. 153-178.
- RODRIGUES, S. (1996) - *Contribuição para o estudo das indústrias líticas do vale do rio Caia (Alto Alentejo – Portugal)*. Porto: Universidade.